



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES

CURSO DE PEDAGOGIA

**CRIANÇAS, PROFESSORES E FILMES:
EDUCAÇÃO INFANTIL E CINEMA**

Andressa Costa de Souza Kalinowski

Lajeado, novembro de 2016



Andressa Costa de Souza Kalinowski

**CRIANÇAS, PROFESSORES E FILMES:
EDUCAÇÃO INFANTIL E CINEMA**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Pedagogia, do Centro Universitário Univates, como parte da exigência para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Me. Tânia Micheline Miorando

Lajeado, novembro de 2016

Andressa Costa de Souza Kalinowski

**CRIANÇAS, PROFESSORES E FILMES:
EDUCAÇÃO INFANTIL E CINEMA**

A banca examinadora abaixo aprova a Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Curso II, do curso de Pedagogia, do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para a obtenção do grau de Pedagoga:

Me. Tânia Micheline Miorando – orientadora
Centro Universitário UNIVATES

Me. Rosiene Almeida Souza Haetinger
Centro Universitário UNIVATES

Lajeado, 1º de dezembro de 2016.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus por nunca ter me abandonado nesta caminhada, por estar sempre me amparando e iluminando meus pensamentos.

Quero agradecer aos meus pais e meu irmão, que foram os pioneiros em minha história acadêmica, estiveram sempre presentes em todos os momentos da graduação e são testemunhas dos dias incansáveis que passei em meio às tarefas de aula. Em especial, gostaria de deixar explícita toda a minha gratidão e amor por minha mãe, pessoa em que me espelho e um dos maiores motivos por eu não ter desistido nas inúmeras dificuldades do caminho.

Tenho imensa gratidão pelo meu marido, pessoa esta que não esconde o orgulho em me ver concluindo minha graduação, além de ter dedicado vários momentos em me apoiar e contribuir na realização deste sonho.

Agradeço pela atenção e autorização ao grupo que participou desta pesquisa, aos alunos e às professoras.

Por fim, agradeço a minha orientadora, Tânia Miorando, pela paciência, palavras de conforto, por toda a dedicação e tempo que disponibilizou em me atender. Não tenho nem como imaginar a felicidade ter essa pessoa humilde e generosa como minha companheira neste um ano de trabalho.

Obrigada!

**Num filme o que importa não é a
realidade, mas o que dela possa extrair
a imaginação.**

Charles Chaplin

RESUMO

O cinema é uma arte audiovisual capaz de desacomodar os corpos que o assistem, porém, geralmente, é um assunto cultural pouco discutido na Educação Infantil. Para que isso seja mudado foi sancionada a Lei nº 13.006, de 26 junho de 2014, na qual, delimita no mínimo duas horas mensais de exibição de filmes nacionais nas escolas de Educação Básica, no Brasil. Portanto, a presente pesquisa de trabalho de conclusão de curso busca ampliar o conhecimento sobre Educação Infantil e Cinema. Para que seja alcançado tal intuito, conduz a problemática: o planejamento pedagógico dos professores de uma escola de Educação Infantil, situada no Vale do Taquari/RS, contempla propostas de ensino baseadas no cinema e de que forma essas propostas são abordadas com os alunos da faixa etária de 4 a 5 anos de idade? Deste modo, este trabalho tem por objetivo discutir o cinema no repertório pedagógico dos professores, busca compreender o significado do cinema para os professores e de que forma eles o contemplam em seus planejamentos pedagógicos, além de observar como o cinema é visto pelos alunos da escola em questão. Utiliza-se o método qualitativo para a construção da pesquisa que baseia-se em entrevistas realizadas com alunos e professores, tendo como intuito, buscar dados concretos que não possam ser quantificados. Também se faz uso da observação, sendo ela livre de qualquer tipo de interferência ativa do pesquisador. Por fim, conclui-se que esta pesquisa tenha influenciado o pensamento dos professores, no entanto, o cinema não é compreendido como um elemento cultural pelos professores e nem incluso em propostas escolares, isso, por ser um assunto pouco contemplado nas formações de professores e, talvez, muito pouco em suas formações acadêmicas. Contudo, percebe-se que a cultura cinematográfica é bastante restrita na vida dos alunos.

Palavras Chave: Cinema. Educação Infantil. Formação Pedagógica.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 SINOPSE - POR ONDE TUDO COMEÇA..... | 8 |
| 1.2 Roteiro em Ação..... | 9 |
| 2 TOMADAS DO PROCESSO: A Educação Infantil e o Cinema..... | 13 |
| 3 O CINEMA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL..... | 18 |
| 4 O CINEMA PARA OS PROFESSORES..... | 22 |
| 5 DESENROLAR DAS CENAS: CONCLUSÃO..... | 28 |
| 6 REFERÊNCIAS..... | 30 |
| ANEXO 1..... | 31 |

1 SINOPSE - POR ONDE TUDO COMEÇA

A proposta de trabalho de conclusão de curso surgiu em um pequeno debate ocorrido em uma disciplina no decorrer do curso de Pedagogia. Nesse diálogo foram levantadas indagações acerca da lei nº 13.006, de 26 junho de 2014, na qual é sancionada a obrigatoriedade da inserção na proposta pedagógica escolar de no mínimo duas horas mensais de exibição de filmes nacionais nas escolas de Educação Básica, do Brasil. Então, brotaram inúmeras dúvidas se essa lei vem sendo cumprida e de que forma o cinema vem sendo ministrado nas escolas de Educação Infantil. Será que os professores incluem o repertório cinematográfico em seus planejamentos pedagógicos? O que é considerado cinema para os professores e alunos? Por isso, este trabalho possui o tema acerca do repertório cinematográfico abordado no planejamento pedagógico pelos professores da Educação Infantil, na faixa etária de 4 a 5 anos levando em consideração os relatos dos alunos e professores.

Durante meus estudos no curso de Pedagogia, a Educação sempre foi pensada para a mediação do conhecimento, não com o objetivo de formar corpos formatados, enrijecidos, sem protagonismo algum, ao contrário disso, o curso tem como objetivo preconizar a educação a partir de métodos que levem os indivíduos a se tornarem capazes de construir sentido no seu processo de aprendizagem, produzirem senso crítico ao invés de apenas receber informação, além de serem protagonistas em suas experiências educativas.

O planejamento pedagógico também é um dos pontos importantes e muito discutido na minha caminhada acadêmica, pois é algo delicado e, assim como o conhecimento, também é algo que deve ser múltiplo e capaz de mediar as informações ao invés de formatá-las. Na escola é fundamental que o planejamento pedagógico abranja conceitos construídos em conjunto aluno/professor, ou seja, o mesmo

necessitaria ser construído com os alunos e não apenas para os alunos. Desta forma o conhecimento é um contágio global, abrangente, mútuo.

Portanto, despertou-me o interesse de analisar como problemática deste estudo o planejamento pedagógico dos professores de uma escola de Educação Infantil, situada no Vale do Taquari/RS, levando-me a analisar se contempla propostas de ensino baseadas no cinema e de que forma essas propostas são abordadas com os alunos da faixa etária de 4 a 5 anos de idade. Defendo essa questão pelo fato do cinema proporcionar uma atmosfera cultural muito importante para a aprendizagem dos alunos, capaz de ligar o indivíduo com o mundo e de se relacionar com as diversas esferas sociais.

Por consequência desse motivo, possuo por objetivo geral, investigar a proposta pedagógica dos professores de uma escola de Educação Infantil do Vale do Taquari/RS, com base no emprego do cinema em sala de aula, como também, objetivo-me a discutir o cinema no repertório pedagógico dos professores, o que o mesmo move na educação e aprendizagem dos alunos da Educação Infantil, baseado na argumentação teórica de autores. Buscarei compreender o significado do cinema para os professores e de que forma eles o contemplam em seus planejamentos pedagógicos, além de observar como o cinema é visto pelos alunos da escola em questão. Por fim, será analisado os relatos do corpo docente e discente, interligando-os com todos os fatos levantados na investigação para, assim obter uma abordagem mais ampla do assunto com o objetivo de que pesquisadores, como eu, possam usufruir deste trabalho como fonte de pesquisa.

1.2 Roteiro em Ação

Primeiramente dei seguimento a este trabalho com uma pesquisa caracterizada como qualitativa, pois esta abordagem é para mim como uma direção na busca de análise para minha pesquisa. O trabalho em questão não se preocupa em provas concretas, pelo fato de não abordar resultados que possam ser medidos metricamente, pois caracteriza-se como sendo de cunho qualitativo, por este tipo de estudo buscar

explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. (GERHARDT E SILVEIRA, 2009, p. 32)

Meu objetivo, enquanto pesquisadora, não é de levantar dados numéricos baseados na maior quantidade de informações encontradas, mas sim fazer uma análise

sobre o que a informação em si me fornece, sendo ela pequena ou grande, já que meu conhecimento, então é parcial e limitado. Assim, o estudo “preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (GERHARDT E SILVEIRA, 2009, p. 32).

Vale ressaltar que através do estudo bibliográfico, que iniciou este trabalho, retirei a base para minha argumentação em artigos, livros e teses. Estas referências teóricas serviram para uma primeira abordagem acerca do meu problema de pesquisa, auxiliando, assim, na busca por conhecimentos prévios.

Com todo o contexto metodológico empregado neste trabalho, posso caracterizar esta pesquisa como algo que contemple objetivos exploratórios, pois permite uma criação de hipóteses com base na análise do contexto para estimular uma melhor compreensão.

[...] configura-se como a fase preliminar, antes do planejamento formal do trabalho. São finalidades da pesquisa exploratória proporcionar maiores informações sobre o assunto que se vai investigar; facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto. Por meio da pesquisa exploratória, avalia-se a possibilidade de desenvolver um bom trabalho, estabelecendo-se os critérios a serem adotados, os métodos e as técnicas adequados. (ANDRADE, 2002, p. 19)

Através desta metodologia obtive maior ênfase na investigação, pois o campo informativo tornou-se mais amplo e me ajudou na centralização do assunto pesquisado, sanando algumas dúvidas que foram surgindo no decorrer do trabalho, com isso, consegui um resultado com melhor eficiência e clareza.

Prontifiquei-me a observar a Escola Municipal de Educação Infantil, situada no Vale do Taquari/RS, fato que se caracteriza por “aplicar atentamente os sentidos físicos a um objeto para dele obter um conhecimento claro e preciso (CERVO, et al, 2007, p. 31) e, assim, trazer informações, com o intuito de aprimorar este trabalho. Os sujeitos na observação foram os professores e alunos da escola em questão. No mais, abordei o método de observação livre de qualquer tipo de interferência ativa do pesquisador, que denomina-se como sendo método de observação assistemática:

também chamada espontânea, informal, simples, livre ou ocasional, caracteriza a informação sem o emprego de qualquer técnica ou instrumento, sem planejamento, sem controle e sem quesitos observacionais previamente elaborados. (CERVO, et al, 2007, p. 31)

Meu objetivo na observação é que os fatos fluam livremente, para, assim, capturar o máximo de informações. Deste modo, as anotações feitas puderam me

proporcionar maior possibilidade de encontrar respostas à problemática da pesquisa, com o intuito que contemple a realidade local.

As anotações da observação foram realizadas através de um diário de bordo, no qual fiz descrições diretas dos alunos e professores como, falas, ações, sensações que obtiveram ao experienciar o cinema. Também registrei meus sentimento acerca do que observei, das ações implicadas nas cenas que ocorrem no dia a dia da instituição.

Além da observação, busquei, com o objetivo de trazer mais informações para este estudo, realizar uma entrevista com professores acerca do que é considerado cinema para eles e se o repertório cinematográfico é levado para os seus planejamentos pedagógicos. Com isso, a atenção no enfoque da questão, dado pelo professor entrevistado, foi analisado por mim, de modo que consiga interligar o que foi dito com o contexto escolar presente e com o embasamento adquirido nos estudos feitos teoricamente. Por esse motivo acredito que:

Recorre-se à entrevista quando não houver fontes mais seguras para as informações desejadas ou se quiser completar dados extraídos de outras fontes. A entrevista possibilita registrar, além disso, observações sobre a aparência, o comportamento e as atitudes do entrevistado. (CERVO, et al, 2007, p. 52)

Como já dito anteriormente, a entrevista serviu para melhor contemplar a pesquisa, unindo-se ao referencial bibliográfico para uma abordagem completa e sucinta do assunto pesquisado. E, além da entrevista com os professores¹, também fiz a busca de informações através de um diálogo com alguns alunos², para compreender o que costumam entender o que seja o cinema e o que eles imaginam por ser cinema.

Os resultados da pesquisa caracterizada como qualitativa são de um maior período de tempo, contrapondo-se à pesquisa quantitativa que é instantânea. Também vale ressaltar que o método de pesquisa escolhido neste trabalho faz com que o pesquisador tenha um ponto de vista mais interno em sua organização dos dados, cujas hipóteses são menos estruturadas.

O presente trabalho estrutura-se em três capítulos. O primeiro capítulo tende a suscitar o que é cinema e suas atribuições quanto à cultura, já o segundo capítulo aborda o modo como as crianças veem o cinema na Educação Infantil. Por último, mas não menos importante, o terceiro capítulo ressalta a forma como os professores abordam o cinema em seus planejamentos e seus conhecimentos acerca do tema.

1 Nesta pesquisa os nomes dos professores serão fictícios para melhor preservar suas identidades.

2 Nesta pesquisa os nomes dos alunos serão fictícios para melhor preservar suas identidades.

2 TOMADAS DO PROCESSO: A EDUCAÇÃO INFANTIL E O CINEMA

[...] o gosto pelo cinema, enquanto sistema de preferências, está ligado à origem social e familiar das pessoas e à prática de ver filmes. (DUARTE, 2009, p.13)

O cinema é conhecido como o universo da ficção, no qual é reproduzido histórias capazes de transformar os corpos em espectadores por horas em frente às telas. Há um repertório variado para todos os gostos. Porém, o hábito cinematográfico se reduz, muitas vezes, ao filme escolhido aleatoriamente, em um canal de televisão, por indicação de um amigo ou algum tema que contente a maioria dos membros de uma determinada família em um final de semana chuvoso em casa.

Raras são às vezes em que se procura ir ao cinema olhar um filme, pelo fato deste espaço estar localizado em cidades grandes e movimentadas, com difícil acesso aos demais públicos concentrados em cidades menores. Então é mais fácil alugar um DVD ou baixar um filme pela internet. Desenvolver a prática de ir frequentemente ao cinema e possuir um aporte crítico na escolha de filmes diferenciados “[...] constitui uma prática social importante que atua na formação das pessoas e contribui para distingui-las socialmente [...]” (DUARTE, 2009, p.14).

O gosto pela prática de assistir a filmes deve ser aprendido, principalmente por fazermos parte de uma sociedade extremamente audiovisual, na qual, é fundamental o uso dessa linguagem cultural para uma melhor integração social dos indivíduos (DUARTE, 2009). E essa cultura audiovisual é, em parte, adquirida na infância e advinda de casa, dos hábitos familiares. No entanto, na passagem da criança pela escola, pode haver intervenções pelo caminho e suas preferências cinematográficas provocarem metamorfoses em sua forma de ver e pensar o mundo.

Cada criança possui suas subjetividades e singularidades socioculturais adquiridas através de suas experiências de vida, e tais singularidades fazem com que

elas interajam com os diversos modos de relações, principalmente com os adultos. Na infância as crianças não interagem apenas na medida em que são influenciadas pelo meio externo, pois, também são protagonistas e influentes em suas relações, com isso Cohn (2005) afirma que: “as crianças não são apenas produzidas pelas culturas mas também produtoras de cultura. Elas elaboram sentidos para o mundo e suas experiências compartilhando plenamente de cultura.” (p.35)

A criança possui, não apenas a capacidade de assimilar os símbolos culturais que a cercam e que lhe são transmitidos, mas também possui a habilidade de agregar sentido próprio a tudo que a rodeia, até mesmo nos objetos culturais que os adultos lhes impõem. Isso porque a criança, na maioria das vezes, não é passiva na aquisição de papéis sociais, mas sim, protagonista nas relações, ela é atuante (COHN, 2005, p. 27). A ideia da autora exprime que as crianças atuam na configuração das relações sociais que se inserem no decorrer de suas vidas, não importa o contexto que esteja, sempre irá relacionar-se com adultos, com outras crianças e o universo ao seu redor construindo, deste modo, papéis e relações.

Assim como a ideia de Cohn (2005), Duarte (2009) salienta que “o ser social é visto como produto de um conjunto de interações, nas quais os sujeitos têm papel ativo a desempenhar, sejam interações de caráter deliberadamente educativo [...], sejam aquelas em que não estão presentes ações intencionalmente pedagógicas [...]” (p.16). Isto exprime o quão protagonista a criança pode ser, seja em uma brincadeira com os amigos, na qual, lidere as regras ou até mesmo na construção de um projeto pedagógico com a professora, através de aprendizados simultâneos.

Há inúmeros locais e meios, nos quais a educação pode ser ministrada. Ela não está restrita como forma de socialização dentro da escola. Local este, onde está impregnado o pensamento da educação formal de valores, ensinamentos éticos, aquisição profissional e “transferência” de conhecimento. Tudo isso necessita ser desconstruído, pois, todo e qualquer lugar é possibilitador de educação, de mediação de conhecimento. Os meios para isso são muitos e o cinema é um deles. Isso porque, ele possibilita uma interação social entre o filme e seus espectadores, como também espectador com espectador e ambos com o universo educativo que os cercam. “Ver filmes, é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais”, justifica Duarte (2009).

O cinema pode ser classificado como uma das tantas formas de arte possibilitadora de cultura na escola. Em seu artigo, Fresquet e Migliorin, apresentam argumentos de Cristovam Buarque, quem propôs a lei nº 13.006, de julho de 2014, já relatada no início. Os autores trazem os argumentos do senador Buarque que justifica a necessidade de se incentivar a criação do hábito de assistir a filmes na escola, mesmo que seja por meio de legislação. A justificativa que apresenta, diz em suas palavras:

a ausência de arte na escola, além de reduzir a formação dos alunos, impede que eles, na vida adulta, sejam usuários dos bens e serviços culturais; tira deles um dos objetivos da educação, que é o deslumbramento com as coisas belas. O cinema é a arte que mais facilidade apresenta para ser levada aos alunos nas escolas. O Brasil precisa de sala de cinema como meio para atender o gosto dos brasileiros pela arte e ao mesmo tempo precisa usar o cinema na escola como instrumento de formação deste gosto. (FRESQUET; MIGLIORIN, 2015, p.5-6)

É de concordância dos autores que o cinema seja capaz de nos deslumbrar com as coisas belas que a cultura nos proporciona, mas não só isso, pois os filmes também nos capturam com as cenas de certas realidades que nos comovem muito emocionalmente, por passarmos pelas mesmas dificuldades mostradas na tela ou por jamais querer presenciá-las concretamente e isso mostra a capacidade desta arte em nos globalizar com o mundo e suas relações de cultura.

O cinema faz os olhos e a mente flutuarem. Presenciei em uma de minhas observações a interação dos alunos com a arte do cinema, que mesmo sendo improvisado, e sem a intenção propriamente dita da professora de ser cinema, revelou o deslumbramento relatado por Buarque na citação acima. Escrevi no Diário de Bordo: “Ao entrar na sala, olhos arregalados na tela com um brilho desigual. Parecem estar em outro espaço, no qual, o encantamento predomina” (Agosto, 2016)

Notei que, ao chegar, apenas algumas crianças sentiram a presença de alguém diferente, isso porque estavam prestando atenção total no filme que passava na televisão. Eles observavam cada detalhe e comentavam com os coleguinhas ao lado, com risadinhas. Também reparei o quanto desejavam viver naquela realidade que se transmitia na tela. Muitos diziam que tinham tal objeto, que eram tão fortes quanto o personagem ou até mesmo relatavam que já haviam viajado para o lugar que o personagem do desenho foi e inventavam as culturas das mais diversas possibilidades que tinham visto neste lugar: dinossauro, pássaro gigante e outros monstros e animais ainda mais fantasiosos.

Então, ao trazer o cinema para os alunos se permite quebrar a dureza do dia a dia, porque a escola se reinventa e as crianças descobrem novos caminhos, tornando-se

cada vez mais curiosas por novas descobertas. Porém, se não houver uma forma de fugir da rotina e da padronização nas salas de aula, a desmotivação pode predominar, os dias tornam-se cinzentos e tudo isso pode resultar em faltas excessivas e até mesmo evasão escolar. Por esse e demais motivos que o cinema pode ser considerado um vínculo cultural, no qual, se possa abordar inúmeras discussões de aprendizagem além dos livros didáticos ou de reclamações do entorno que se vive.

Buarque ainda justifica que “cultura é fundamental. Sem cultura a educação fica limitada. Ela não dá o sentimento, não dá a visão humanista. Por mais que você coloque filosofia, humanismo só chega através da música, através do teatro, através do cinema” (FRESQUET; MIGLIORIN, 2015, p.6). Sem cultura as pessoas transformam-se em máquinas formatadas, incapazes de pensamentos críticos e de protagonismo criativo, na escola ou nas suas relações.

Embasados na Lei nº 13.006, de 26 junho de 2014 (BRASIL, 2014), Fresquet e Migliorin (2015, p.7) expressam três crenças que nos levam a pensar a relação do cinema e a educação com a escola. Na primeira crença, enfatizam o poder que o cinema possui em globalizar o que é inviável para muitos, nos aproximar de hábitos de vida, relações de poder e lugares presentes em culturas distintas da nossa, assim, faz com que a arte, na perspectiva sociocultural, fique mais legível aos alunos.

A escola serve como fio condutor que interliga o aluno ao cinema. Pelo raciocínio dos autores, com o qual ressalvam a segunda crença, expõe a escola

como espaço em que o risco dessas invenções de tempo e espaço é possível e desejável. Aceitar que o cinema propõe mundos, não traz apenas o belo, o conforto ou a harmonia. Ou seja, se desejamos o cinema na escola é porque imaginamos que a escola é um espaço, um dispositivo, em que é possível inventar formas de ver e estar no mundo que podem perturbar uma ordem dada, do que está instituído, dos lugares de poder. Assim, apostar no cinema na escola nos parece também uma aposta na própria escola como espaço onde estética e política podem coexistir com toda a perturbação que isso pode significar. (FRESQUET; MIGLIORIN, 2015, p.8)

O espaço escolar é formador de saberes, no qual os indivíduos se encontram e adquirem experiências e também ocasionam choques de experiências que, em certos espaços não são permitidos, por isso, o desejo do cinema se instalar na escola, para que tanto as convergências quanto as divergências sejam discutidas e articuladas.

Por fim, a terceira crença aborda a interação do aluno com a arte dos filmes.

Interação esta que possibilita a construção as relações com o universo.

Aposta na possibilidade de entrarem em contato com filmes, imagens, sons que não trazem mensagens edificantes, que não são pautadas pela função social ou pela necessidade de fazer um mundo mais bonito. Trata-se de uma crença na

inteligência intelectual e sensível dos que frequentam a escola.[...]
(FRESQUET; MIGLIORIN, 2015, p.8)

Esta crença corresponde a não basear-se na transmissão de filmes aos alunos que sejam moldados em um pensamento pré estabelecido como a transmissão de filmes que expressam apenas finais felizes ou o lugar mais belo do mundo, mas sim, filmes capazes de modificar pensamentos e conceitos de quem os assistem e que lhes fazem reconstruir, reinventar sentidos.

Ao lermos sobre as crenças, assusta pensar o cinema na escola, quanto educador, talvez por ele causar uma espécie de transformação intelectual no sujeito e no espaço. Porém, sem isso, o cinema perde seu sentido cultural, seu sentido de mediar conhecimento e principalmente a força de mover e inventar mundos.

Para uma maior potência desse poder de desacomodação que o cinema desenvolve, seria necessário que a escola disponibilizasse recursos audiovisuais não só para os alunos, nela inseridos, mas também para a comunidade desprovida de salas de cinema, que são obrigadas a recorrer sempre a DVD's e programações preestabelecidas da televisão. Com isso, as relações sociais propostas por Buarque ao propor a lei seriam mais abrangentes e significativas ao envolver não só a escola, mas também as famílias e comunidade em geral.

3 O CINEMA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

O cinema possui ação atuante no imaginário infantil, diferenciando-se de outras mídias, pelo fato de garantir meios expressivos no seu espectador e, por esse motivo, o cinema é considerado um estimulante, um projetor de emoções no imaginário infantil, nos mais variados sentidos (FANTIN, 2009).

O contato do aluno com o filme é como se fosse um ato de magia. Digo isso, porque ao estarem assistindo a um filme é como se suas mentes desligassem de seus corpos e flutuassem pelo espaço. Pois

No cinema, a imaginação projeta-se na tela, mas o curso natural dos acontecimentos pode ser modificado pela simples ação dos pensamentos, transgredindo a relação com o tempo, permitindo voltar ao passado ou fazer uma ponte com o futuro em minutos. Neste sentido, “o cinema pode agir de forma análoga à imaginação: ele possui mobilidades de idéias que não estão subordinadas às exigências concretas dos acontecimentos externos, mas às leis psicológicas da associação de idéias. Dentro da mente, o passado e o futuro se entrelaçam com o presente” (MUNSTENBERG apud FANTIN, 2009, p. 211).

Conforme a ideia abordada acima, o cinema desperta no aluno o poder da imaginação e com ela o sujeito é capaz de estar em vários lugares ao mesmo tempo e dispor de experiências variadas. A capacidade de interligar o passado e o futuro dentro da imaginação pode desencadear conflitos de ideias que vão além das experiências concretas do meio externo, partindo para mundos particulares inerentes a cada sujeito.

Ao trazer o cinema à escola pode ocorrer uma ruptura de normas previamente instituídas, uma desacomodação geral de todos em tempo e espaço, pois, ao assistir filmes poderá florescer pensamentos críticos acerca dos seus modos de vida. Os professores e alunos se deparam com perturbações pertinentes com o universo em que se situam e precisam partilhar dessas experiências para protagonizarem uma mediação significativa desse conhecimento a que o cinema expõe.

Conforme relatos dos alunos da escola em questão, percebi que, aparentemente, o cinema ainda não é visto como um tema relevante, de novas experiências. Isto,

porque, em um primeiro momento, parece que olhar filmes é algo rotineiro sem objetivos prévios e muito menos uma acomodação geral em tempo e espaço. Pois ao questioná-los se já tiveram cinema na escola, obtive as seguintes respostas:

“Sim. Ele é escuro e olha desenho na TV.” (Murilo, 5 anos)

“Tem. Desliga a luz, tem TV. A gente olha TV e a profe diz pra gente ficar quietinho e a gente fica.” (Alice, 5 anos)

“A profe nunca fez cinema na escola, só hoje.” (Luana, 5 anos)

“É desenhar, comer bolo e frutas.” (Thomas, 4 anos)

Os alunos aparentam nunca terem presenciado um cinema propriamente dito, pois, para eles, a TV da escola é considerada como uma tela de cinema. O aparelho de televisão que a instituição possui foi adquirido pela prefeitura e é mesmo enorme, possui cinquenta e oito polegadas e talvez nenhum dos alunos possui uma dessas em casa.

Outro fato intrigante está no “olhar desenho”. Por que cinema infantil é só olhar desenho se há inúmeros filmes para serem apreciados? Acredito que em muitos casos o desenho animado influencia a criança a viver em um mundo de imitação e não permite a possibilidade de uma discussão crítica e convicta sobre certos comportamentos. Por isso, seria interessante trazer aos alunos curtas que afloram questionamentos, mesmo sendo desenho animado, mas que possuam cenas intrigantes e abrangentes, capazes de acomodarem quem as assiste.

Quando Alice diz que a professora pede para ficar quietinho, enquanto o filme roda, me leva a pensar que o cinema deixa de ser um entretenimento, no presente momento, para se tornar um subsídio que acalma a turma, pois, durante a observação registrei um momento intrigante: “Um comentário inocente sobre o episódio assistido surge entre os alunos, mas rapidamente o brilho no olhar é calado com um ‘xííííí’, ‘agora é hora de escutar’, as vozes acabam e os olhares voltam-se para a TV” (Diário de Bordo, agosto, 2016).

Conforme essa abordagem registrada por mim, fluem duas concepções de entendimento. Em uma delas entendo que a intenção da professora era de fazer com que todos pudessem apreciar o filme atentamente, sem interrupções. Já a segunda, me leva a crer que os alunos não estavam atentos ao filme por livre e espontânea vontade e, por isso, faziam relatos, às vezes sobre o filme, mas às vezes só queriam chamar a atenção do colega para uma conversa informal.

Retomando a primeira concepção que tive na abordagem citada acima, pergunto: desde quando os comentários dos alunos sobre um filme devam ser considerados

inviáveis ou encarados como uma interrupção da atenção? Ressalto o que já havia dito anteriormente neste trabalho que se há comentários é sinal de que ocorre o compartilhamento de experiências e vivências como, também a presença, mesmo que tímida, do pensamento crítico proporcionado pelo cinema. E isso prova a ideia trazida para este estudo de que o cinema é capaz de aprimorar as relações entre criança/criança e criança/adulto, porém esse conceito precisa ser entendido pelos adultos, mas no presente caso, em específico, pelos professores.

Na segunda concepção que obtive com a abordagem, percebi que o cinema não deve ser algo maçante para os alunos, cheio de obrigatoriedade, pois, deste modo, o sentido cinematográfico foge do entretenimento e passa a ser só conteúdo obrigatório como os que possuem todos os dias na sala de aula. E isso está explícito na fala de Luana, quando diz que a professora nunca havia feito cinema na escola, só naquele dia, quando a única diferença daquele dia para os outros era a pipoca, que todos apreciavam. E Thomas reforça essa afirmativa, pois em sua fala ressalta que cinema é quando comem alimentos que são oferecidos somente no dia de olhar filmes e, talvez, isso lhe dê mais prazer do que o próprio filme. Com base no que os alunos relatam, percebo que olhar filmes é algo rotineiro na escola.

Isso acontece, de modo geral, pelo desconhecimento que os docentes possuem sobre o que é o cinema. Porque ao serem questionados sobre ‘o que é cinema para você?’, senti incertezas nas respostas e também em suas expressões: “É uma produção baseada em cima de um fato real, de uma história, alguma coisa neste sentido. O filme no caso, porque o cinema é filme né” (Professora Jéssica).

E este conhecimento não é isolado, pois, a professora Elisa respondeu o seguinte: “Um entretenimento, uma grande descoberta, que avança muito.” (professora Elisa). Deste modo, notei que as respostas soam desconexas, não parecem basearem-se em conhecimentos prévios de vivências. Parece que foram pegas de surpresa, pois de fato desconhecem o assunto e, também, a lei nº 13.006, de 26 junho de 2014 (BRASIL, 2014), que, já mencionada no início deste trabalho, sanciona a obrigatoriedade da inserção na proposta pedagógica escolar de no mínimo duas horas mensais de exibição de filmes nacionais nas escolas de educação básica, no Brasil.

As palavras ditas pelas crianças quando questionadas por mim são de muita importância, pois suscita o trabalho que vem sendo feito na escola e, também, me faz enxergar que o cinema ainda não está inserido culturalmente na vida delas. Digo isso, porque além de relatarem, anteriormente, se a professora já havia feito cinema na escola, em outro questionamento, mencionaram o que acreditam ter no cinema:

“Pipoca. As pessoas sentam e olham as pessoas cantarem.” (Murilo, 5 anos)

“Tem festa, tinha comida lá, a gente tinha que apagar a luz, as pessoas dançavam.” (Alice, 5 anos)

“Tem pessoas, pipoca e filme” (Luana, 5 anos)

“Não sei.” (Thomas, 4 anos)

Esse questionamento revela respostas muito parecidas com o questionamento anterior e demonstra que os alunos desconhecem o cinema, propriamente dito, pelo fato de dizerem que ir ao cinema é como ir para uma festa que tenha uma tela com retroprojeter, na qual é exibida vídeos e clipes para as pessoas dançarem. Esses relatos me intrigaram e para confirmar o que eu já sabia, perguntei se algum dos alunos já haviam ido ao cinema e as respostas foram unânimes, nenhum deles conhecem salas de cinema.

Por fim, percebi que os alunos desconhecem o cinema, isso por ser algo que não faz parte de suas culturas, algo que ainda não foi explorado por eles. Na mente das crianças a palavra ‘cinema’ remete a um momento de festa com dança e comida, porque é o que sabem até o momento, é o que vivem. Ainda não sabem o quanto o cinema pode ser importante para suas vidas e possibilitar experiências incríveis.

Para que essa realidade mude é necessário que haja a implementação de um projeto cinematográfico na escola, mas, antes disso, é preciso a adequação, por parte dos docentes, em termos de formação, de conhecimento e de persistência para que os alunos possam descobrir novas possibilidades no/do cinema.

4 O CINEMA PARA OS PROFESSORES

No decorrer de meus estudos, tive a oportunidade de conhecer a escola e observá-la de perto. É uma escola bem espaçosa, colorida, com um imenso pátio cheio de brinquedos, bem como o saguão, que dispõe de uma cama elástica, que não é algo comum de ver nas escolas. Em um primeiro momento, fiquei deslumbrada com todos os recursos. Assim relatei no meu Diário de Bordo: “Na chegada, sou acolhida com um colorido deslumbrante ao ver a imensidão de um espaço cheio de brinquedos que convida para correr, pular e brincar. Quis voltar a ser criança” (Agosto, 2016).

Logo percebi que a instituição possuía recursos que todas as escolas municipais desejariam adquirir e isso é muito bom. Ao conversar com os professores e as crianças notei que o quadro de alunos acolhidos pela escola é, em grande parte, muito humilde, provém de renda precária e as famílias da maioria das crianças se estruturam com a proteção de avós, tios e irmãos de casamentos anteriores, ou são cuidados apenas pela mãe ou apenas pelo pai. Algumas crianças adquiriram a vaga por via judicial ou por intermédio do conselho tutelar, cujas razões são pelo cuidado que a escola pode alcançar aos pequenos.

Então, os professores relataram, informalmente, que as crianças necessitam de muita atenção e carinho porque alguns já passaram por muitos conflitos e necessitam sentirem-se acolhidas. Por isso, a escola se empenha em proporcionar momentos de aprendizagem que sejam gratificantes para os alunos. Durante os diálogos decorrentes à minha pesquisa, a professora Elisa salienta em uma fala espontânea, livre de questionamentos do pesquisador, o seu desejo de cinema para junto dos alunos:

Colocar uma tela não é bem um cinema. Eu queria mesmo ir ao cinema para que os alunos tivessem uma visão de mundo, é uma coisa diferente para eles. Imagina eles entrarem naquela sala, sentar, aquilo tudo escuro, ver aquela tela de verdade, ver o cara lá em cima rodando o filme. Nesse sentido, eu pensei em mostrar o cinema para eles uma vez, como entretenimento. (Professora Elisa)

É intrigante pensar no modo como a professora vê o cinema. Pois, para ela, o que vale mesmo como cinema é o local propriamente dito, denominado e padronizado. Já que sua vontade de mostrar o “verdadeiro” cinema para seus alunos não foi concedida, o assunto não é levado adiante e cai por terra. Por que uma tela adaptada na escola não pode ser cinema? A questão é pensar em diferentes modos de realizar essa interação cinematográfica com as crianças, sem estipular padrões, mas sim utilizando os recursos que se adequam à realidade da escola. Seria muito significativo os alunos se deslocarem até uma sala de cinema fora da escola, mas, caso isso não seja possível, essa interação não deve ser podada e nem arquivada.

Nas palavras da professora, colocar uma tela pode não ser bem um cinema, mas abre a perspectiva e um espaço para que se invente um cinema na escola. Isso significa utilizar a capacidade imaginativa dos professores e alunos ao criar um cinema só deles. A possibilidade de criação dos seres humanos é infinita, por isso, não é necessário usufruir só do que já existe, do que já foi inventado, mas sim criar, inventar e confeccionar novos meios para que a escola, como um todo, possa conhecer e interagir com o cinema.

Talvez a professora não tenha percebido ainda que o cinema criado na escola seja possível, isso porque, estamos vivendo em uma política cultural onde as cidades pequenas não levam em consideração uma implementação de cinema ou outros eventos culturais. Muitas vezes, as pessoas estão acostumadas a não ter esse tipo de evento e não levantam questionamentos ao poder público do porquê não haver mais criações culturais na cidade. Acredito que a professora está no caminho de perceber que o cinema pode ser inventado no contexto escolar com a participação e criação de todos e que pode ficar tão bom quanto o original, porém, é necessário experimentar e arriscar para ver se dará certo.

Para que um projeto cultural como a criação do cinema na escola se torne possível, há muitas variáveis que precisam andar coligadas e complementarem-se. Uma delas é a iniciativa dos professores envolvidos em querer o comprometimento com o projeto em questão, algo que é positivo na fala da professora acima é quando diz que queria ir ao cinema com seus alunos. Percebo, ainda na minha formação inicial para a docência, o quanto é importante ter persistência em um projeto promissor como o cinema e tentar fazer com que ele se realize e dê certo. Pois, as crianças, muitas vezes, só possuem oportunidade como essa na escola e dependem da iniciativa do professor para se sentirem alegres, confiantes e interessadas em participar de um projeto cultural.

Outra variável envolve a autorização da gestão responsável pela escola, na qual, precisa estar convencida com base em argumentos fortes de que o cinema na escola é algo cultural e de imensa importância para o desenvolvimento dos alunos, bem como a interação dos mesmos com o mundo que os cerca. A terceira variável, vem ao encontro da segunda, que é a questão do quanto a escola está disposta a investir financeiramente neste projeto. Para isso, a gestão precisa estar convencida e confiar plenamente na proposta idealizada. Essa ideia também pode envolver os demais integrantes da escola, por exemplo, um professor pode ter sido o idealizador e os demais seus colaboradores na proposta, gerando, assim, mais suporte para que a gestão escolar confie e ajude nos subsídios para a realização do projeto.

Se o cinema é um lugar de sonhar, abrir as perspectivas imaginárias e idealizadoras das pessoas, talvez o melhor momento e espaço para isso é na escola. Além de mexer com vários meios de organização e investimento financeiro o cinema pode ser um possibilitador de investir na criação, nos sonhos e em tudo o que o imaginário idealizar. Pois, o que mais se escuta entre crianças e adolescentes hoje em dia é a vontade de crescer, ter um emprego e ganhar o seu próprio dinheiro. Daí pergunto: onde estão os sonhos, a perspectiva de uma carreira, a vontade de conhecer o que o mundo pode nos oferecer? Tudo isso, passa despercebido quando não conhecemos nem mesmo o significado que esses desejos podem representar em nossas vidas.

Relembrando a fala da professora Elisa, quando manifesta o desejo de que seus alunos tenham uma visão de mundo ao conhecerem o cinema, vale pensar que tipo de visão seria essa. Será que refere-se ao senso crítico sobre o que os filmes pretendem transmitir como as lutas, travessuras ou até mesmo as cenas românticas entre dois personagens que muitas vezes aparecem nos desenhos infantis, como quando o Mickey leva flores para a Minnie e ela agradece com um “beijinho”.

Com base na análise do contexto escolar, o qual observei, acredito que a professora, além do senso crítico, deseja que os alunos conheçam uma realidade diferente da qual estão habituados. Pois, para muitos, a situação financeira que circunda sua família é precária, não possuindo nem calçados adequados para frequentar a escola, tanto mais sair do espaço em que vivem para conhecer outros lugares e cidades, assim como outras culturas. Então, a professora sabe que o cinema serviria como uma ponte das crianças para o mundo que as rodeia e que, para a maioria, seria essa a única forma de expandir pensamentos e perspectivas para uma vida melhor.

O filme “Cinema Paradiso” mostra muito a realidade que Elisa descreve. Neste filme um menino humilde foge da mãe em alguns momentos e vai para o cinema

improvisado na cidade. Lá, faz amizade com um senhor responsável por rodar os filmes e a partir daí suas visitas tornam-se mais frequentes e suas críticas em relação aos filmes também. Em muitos momentos se pegava a discutir com o senhor que rodava os filmes o porquê do padre mandar cortar as cenas de beijo. Com o passar do tempo, o menino viaja para longe de sua realidade de infância e, já adulto, vai em busca de seu sonho, tornando-se cineasta.

A história relatada por este filme tende a nos mostrar o poder do cinema em fazer as pessoas acreditarem no quão é possível realizar seus sonhos, pois o menino acreditou que o mundo em que sonhava poderia tornar-se realidade e viu no cinema uma possibilidade de mudar de vida. Então, reforço, que se não der para ir ao cinema de verdade com a turma inteira, inventa-se um na própria escola com os recursos que se têm e aos poucos podem ser criadas outras possibilidades, como um evento, para arrecadar dinheiro e, assim, conhecerem o “cinema de verdade”.

Por fim, a professora contempla que gostaria de mostrar o cinema como entretenimento para seus alunos. Isso é algo que considero muito importante, por ser um entretenimento cultural que abre perspectivas, que não limita a criança a viver sempre no mesmo espaço e que lhe ensina a desfrutar do presente momento.

Logo após ter me apresentado e ouvido informalmente a professora Elisa, quis saber se ela já havia trabalhado cinema com seus alunos da Educação Infantil, e com um ar de desaprovação consigo mesma disse: “Não, nunca!”. Essa resposta me faz retomar o que já havia citado anteriormente neste trabalho, que é o fato de existir a vontade por parte do professor, como Elisa mesmo disse, mas o desconhecimento do que é o cinema e de como trazê-lo até os alunos faz com que esse desejo se esfrie.

A professora Jéssica também demonstrou interesse pela arte do cinema e ao ser questionada se já havia trabalhado o cinema com seus alunos, salientou:

Pretendo trabalhar esse semestre alguma coisa quanto a tecnologias, mas não trabalhei até porque a tenra idade não nos deixa fazer muita coisa prática. Então teria que ser dos cinco anos em diante, na minha visão, porque tu tem as opções de vídeos, de montagens de fotos no Power Point, enfim, só que a escola tem que disponibilizar recursos tecnológicos para estar criando isso também, né? (Professora Jéssica).

Noto que as duas professoras possuem o interesse em trabalhar o cinema com seus alunos, mas não se sentem seguras o suficiente, talvez por ainda ser algo pouco divulgado no meio educacional e por não saberem como colocar um projeto cinematográfico em prática. Porém, quando a professora Jéssica salienta que pretende trabalhar tecnologias com seus alunos me veio à mente que cinema não deixa de ser um tipo de instrumento da tecnologia.

Quando se fala em novas tecnologias, no campo da arte, se é que esse campo ainda leva esse nome, não há dúvida: estamos lidando com a imagem. As formas e as funções que a imagem irá assumir para quem a experimenta e para quem a produz – as máquinas geradoras da imagem. Todas as novas tecnologias nada mais são que variantes da produção da imagem, da simulação do mundo. É em torno da imagem que todas as lutas serão travadas. (OMAR apud DUARTE; ALEGRIA, 2008, p.69)

O cinema faz parte das artes audiovisuais e pode ser incluído como uma tecnologia para se trabalhar a cultura, no entanto, temos que tomar cuidado em não utilizar essa tecnologia apenas como instrumento gerador de conteúdo escolar, mas sim vê-lo como algo capaz de gerar história, criação e cultura através das imagens transmitidas, para uma melhor leitura de mundo. Digo isso, porque entendo o quanto a ideia de ver filmes na escola é rotulada como um meio de acentuar os conteúdos trabalhados pelo professor, e isso ainda precisa ser desconstruído pela sociedade.

Vejo subentendido na fala da professora Jéssica uma dificuldade em concretizar o cinema com seus alunos por pensar que a faixa etária não permite, lhe entendo por ter esse tipo de visão, pois, como o cinema, propriamente dito, não é algo comum na vida da maioria dos alunos, gera um certo medo, por parte do professor, em criar um projeto pedagógico a respeito do tema e torno a salientar que isso se dá por faltar conhecimento geral da população acerca do tema.

Porém, o cinema é para todos, independente de idade ou condição social. E como a professora mesmo relatou, ainda não há recursos tecnológicos suficientes para a implementação do cinema na escola e acredito que o mesmo acontece na maioria das escolas do Brasil. Mas também acredito que a união faz a força, por isso escola e comunidade precisam se unir e reivindicar esses recursos ao poder público para que a lei nº 13.006, de 26 junho de 2014 seja concretizada com melhor êxito.

Por fim, questionei se o cinema está incluso no planejamento pedagógico das professoras. Então Jéssica responde: “Os vídeos curtos geralmente, e eu não sei te dizer se eu posso enquadrar isso como cinema (risadas...). São específicos quanto ao que estou trabalhando.” Conforme os questionamentos anteriores, constato o desconhecimento da professora quanto ao assunto por não ser algo culturalmente divulgado na instituição e acredito que na comunidade como um todo. Mas fico feliz em dizer que ela demonstra interesse na forma como conduz os vídeos, apenas precisa aprofundar-se mais no conceito de cinema como forma de expressão cultural para melhor atender as necessidades de seus alunos e sei que isso precisa ser construído aos poucos.

Em um outro momento, fiz o mesmo questionamento para a professora Elisa e a resposta foi a seguinte: “No momento não. Sabe, que eu nunca tinha pensado em trabalhar isso. Isso é um bom tema.” E essa resposta soou como um complemento para

o que já havia sido subentendido por mim nos dados que coletei, baseados nos demais questionamento feitos anteriormente.

Será que ao sancionar a lei que obriga a implementação do cinema na escola foi levado em consideração se os professores estariam preparados? Participei das mesmas formações de professores das docentes entrevistadas, isso porque, atuo como monitora educacional no mesmo município. Portanto, posso assegurar que em nenhum momento o assunto cinema ou a respectiva lei foram abordados nas formações. Então o processo de cinema como transmissor de cultura precisa ser apresentado inicialmente ao corpo docente para depois se apresentar aos alunos. Com isso, os filmes serão vistos e pensados como um meio de criação e não apenas como algo a ser decodificado ou explicado.

5 DESENVOLVIMENTO DAS CENAS: CONCLUSÃO

Chego ao final deste trabalho, mas não ao fim do assunto, pois o cinema na Educação Infantil é algo que está apenas no início e possui uma bela caminhada a ser percorrida. No entanto, a implementação da lei nº 13.006, de 26 junho de 2014 que sanciona a obrigatoriedade do cinema nas escolas de Educação Básica, no Brasil, já é o primeiro passo, mas precisa ser posta em prática nas instituições.

Os professores são os grandes mestres nessa jornada entre cinema e escola, um dos principais responsáveis em implementar essa cultura na sala de aula. Porém, concluí que necessitam conhecer melhor o assunto para que isso se torne realidade. Ressalto, novamente, que não estou atribuindo nenhum tipo de culpa aos docentes, pelo fato, de observar, nos questionamentos que fiz, o nítido desconhecimento do cinema quanto ser arte e cultura. Digo isso, por ser um assunto não contemplado nas formações de professores e, talvez, nem em suas formações acadêmicas, causando, assim, um despreparo nos docentes.

Em minhas observações me admirei em ver a magia que o cinema causa no olhar infantil e o quanto os filmes despertam um imaginário, sem intenções prévias, pois os alunos comentavam as cenas com uma naturalidade como se as estivessem vivendo aquele momento. Acredito que o professor precisa estar atento a esses olhares para que a imaginação infantil e o conhecimento de mundo dos alunos continuem sendo estimulados. Também observei nas entrevistas com as crianças que a cultura cinematográfica é inexistente em suas vidas, pois para elas cinema é olhar desenho e comer pipoca. Isso resume o quão padronizado está o ato de olhar filmes na sala de aula e o quanto esse ato foge do entretenimento cultural.

Acerca da problemática que destaquei neste estudo, constatei que o planejamento pedagógico dos professores não contempla propostas de ensino baseadas no cinema

para alunos da faixa etária de 4 a 5 anos de idade. O cinema é apenas utilizado como complemento de outros projetos. Mas, há o desejo, por parte dos professores, em tornar o cinema uma proposta viva na escola, e, para isso, é necessário a iniciativa docente de envolver a instituição como um todo para, com isso, garantir subsídios e meios para tornar a proposta realidade.

Os dados apresentados pela pesquisa perturbam meus pensamentos. Talvez por esperar respostas distintas das que presenciei. Pois, o fato é que o protagonismo cultural quanto à mediação professor/aluno encontra-se subtraído. Isso porque os pensamentos críticos dos alunos são cerceados pelos professores, pelo fato de não permitirem-se ver e partilhar as experiências que o cinema proporciona. No entanto, ao refletir sobre esta questão, acredito que esta pesquisa tenha influenciado um pouco o pensamento dos professores, fazendo com que enxerguem o cinema com outros olhos e que busquem explorar como fonte de aprendizagem e construção de saberes.

Este trabalho foi uma grande e gratificante experiência para minha formação como professora pedagoga. Pois, no decorrer da pesquisa, constatei que ainda tenho muito a aprender e descobrir. Isso porque, a graduação, por mais completa que seja, não nos ensina tudo. Tenho em mente que necessito correr atrás de novas experiências e vivências como o cinema, por exemplo. Tema este que jamais pensei em me apaixonar, porém, na medida em que fui coletando dados e lendo sobre o assunto, fascinei-me e espero que o conteúdo deste trabalho sirva para outros pesquisadores como um fio condutor ao cinema.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria M. de. **Como preparar trabalho para Cursos de Pós-Graduação: Pesquisa Científica**. São Paulo: Atlas, 2002.
- BRASIL. Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014. Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm. Acesso em: 24/05/2016.
- CERVO, Amado Luis; Bervian, Pedro Alcino; Silva, Roberto da. **Metodologia Científica** - 6ª edição. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- DUARTE; Rosália. ALEGRIA; João. **Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação**. Revista: Educação e Realidade, 2008.
- FANTIN, Mônica. **Cinema e Imaginário Infantil: a Mediação Entre o Visível e o invisível**. Educação e Realidade. 2009.
- FRESQUET, A. e Migliorin, Cesar. Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a Lei 13.006/14. In: Fresquet, A. (Org). **Cinema e Educação: a Lei 13.006 – Reflexões, perspectivas e propostas**. Universo, 2015. Disponível em http://www.cinead.org/files/4deac39ffe2b937b26f5d26439afc2d7livreto_educacao10cin_eop_webpdf.pdf. Acesso em 05/04/2016.
- GERHARDT; Tatiana Engel. SILVEIRA; Denise Tolfo (Org). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

ANEXO 1**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____, aceito participar na investigação, intitulada de **“EDUCAÇÃO E CINEMA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: como o cinema é abordado pelos professores e alunos?”**, coordenado pela pesquisadora Andressa Costa de Souza e desenvolvida junto ao Centro Universitário UNIVATES, com o objetivo de Conclusão do Curso de Pedagogia.

Fui esclarecido (a) que a pesquisa poderá fazer uso de observação da minha sala de aula e de minha prática pedagógica, análise de documentos escolares, conversas com crianças e adultos, gravações digitais (filmagens) de minha ação docente e entrevistas previamente combinadas e consentidas. As informações geradas terão o propósito único da pesquisa, respeitando-se as normas éticas quanto à identificação nominal.

Minha participação é um ato voluntário, o que me deixa ciente que a pesquisa não me trará nenhum apoio financeiro, dano ou despesa.

A pesquisadora colocou-se à disposição para esclarecer qualquer dúvida quanto ao desenvolvimento da pesquisa.

Estou ciente que esse tipo de pesquisa exige uma apresentação de resultados que implicam a utilização dos materiais coletados como análise de documentos escolares, entrevistas, filmagens e observações realizadas dentro e fora de sala de aula. Por isso, autorizo a divulgação das informações, das análises dos documentos escolares, das entrevistas e das filmagens realizadas, para fins exclusivos de publicação, divulgação científica e formativa de educadores.

Lajeado/RS, 01 de Agosto de 2016.

Nome do(a) Professor(a) _____

Pesquisadora: _____